

## LITERARIEDADE EM OS SERTÕES: REALINHAMENTO ÉTICO E APRIMORAMENTO ESTÉTICO DA PRODUÇÃO

Andreia Rosmaninho (Doutoranda - Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Em linhas gerais, literariedade é o conjunto de características que regem os princípios de composição da produção de escritos artísticos.

Dessa forma, quanto mais desautomatizada a forma de expressão, mais literário é o texto. Resumidamente, a literariedade - na condição de propriedade abstrata que torna a narrativa portadora de singularidade e de originalidade -, constitui a essência do fato literário.

Neste estudo, o conceito de literariedade será utilizado sempre no sentido de preocupação formal, de intencionalidade estética, de pretensão artística e de qualidade estilística. No presente caso, a obra euclidiana não foi, num primeiro momento, pensada como literária; no entanto, foi dessa maneira recebida, já que, no concernente à organização interna, é portadora de um elevado grau de elaboração do código, apesar de essencialmente não-ficcional. "A noção de função poética, ou estética, que diz respeito à própria mensagem, intervém tanto no sistema da literatura quanto no da língua, e cria um equilíbrio complexo de funções." (TODOROV, 1979, p. 32).

É necessário lembrar que são três as instâncias que regem a produção literária: a realidade, a escrita e a leitura. E, nas palavras de Todorov: "É importante notar que as visões literárias não concernem à percepção real do leitor, que permanece sempre variável e depende de fatores externos à obra, mas a uma percepção apresentada no interior dessa obra, se bem que de um modo específico." (TODOROV, 1973, p. 64)<sup>1</sup>. Ou seja, são elementos intrínsecos que determinam a validade estético-ideológica da produção escrita.

Conforme declarado anteriormente, é o aspecto formal que determina o grau de literariedade do trabalho. E "a forma recobre todas as partes da obra, mas ela existe somente como um conjunto de funções." (TODOROV, 1979, p. 30)<sup>2</sup>. Isso quer dizer que na literatura - e nas artes em geral -, o elemento conceitual, ideológico, temático ou conteudístico está sempre presente.

Assim, o teórico não demarca limites nem estabelece um sistema para a classificação dos aspectos próprios da literatura, dando-se conta, pois, da dificuldade de prescrever um conceito fixo e ficando com a idéia de que são frágeis as linhas divisórias dos discursos. Mas, ao mesmo tempo, define distintivamente a propriedade estrutural da arte literária por meio da afirmação:

A literatura é um sistema de signos, um código, análogo aos outros sistemas significativos, tais como a língua articulada, as artes, as mitologias, as representações oníricas, etc. Por outro lado, e nisso ela se distingue das outras artes, constrói-se com a ajuda de uma estrutura, isto é, a língua; é, pois, um sistema significativo em segundo grau, por outras palavras, um sistema conotativo. (TODOROV, 1979, p. 32).

Dessa forma, o autor aceita a possibilidade de encontrar elementos artísticos também fora de obras necessariamente literárias.

Ainda acerca da imprecisão das particularidades literárias e admitindo a propriedade interdiscursiva da palavra, o formalista postula que:

---

<sup>1</sup> TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e Poética*. São Paulo: Cultrix, p. 64, 1973.

<sup>2</sup> TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, p. 30-32, 1979.

Se admitirmos a existência de discursos (no plural), a nossa questão sobre a especificidade literária deveria ser formulada assim: 'haverá regras que sejam próprias a todas as instâncias da literatura e somente a elas?' Mas, colocada sob essa forma, parece-me que a questão pode apenas receber uma resposta negativa. Já recorri a numerosos exemplos que testemunham tanto que as propriedades 'literárias' encontram-se também fora da literatura (do trocadilho e da *comptine* à meditação filosófica, passando pela reportagem jornalística ou pela narrativa de viagem), quanto a impossibilidade em que nos encontramos de descobrir um denominador comum a todas as produções 'literárias' (a menos que seja: a utilização da linguagem). (TODOROV, 1980, p. 21-22)<sup>3</sup>.

Concomitantemente, a língua, que serve como combustível para a constituição das unidades componentes do sistema literário, apesar de pertencer ao plano da expressão, não deixa de manter sua significação própria, ou seja, permanece dotada de carga conteudística.

E segue, exemplificando:

Para descrever exaustivamente um poema, devemos colocar-nos sucessivamente em diferentes níveis - fônico, fonológico, métrico, entonacional, morfológico, sintático, léxico, simbólico... - e levar em conta suas relações de interdependência. (...) Todo elemento presente numa obra traz uma significação que pode ser interpretada segundo o código literário. Nenhuma frase da obra pode ser, em si, uma expressão direta dos sentimentos pessoais do autor, ela é sempre construção e jogo... (TODOROV, 1979, p.31-32).<sup>4</sup>

É delimitando com considerável grau de concretude, já no final do século XX, que Norman Sims (1999)<sup>5</sup> aborda a interdiscursividade da literatura e do jornalismo. Para o autor, o gênero jornalístico-literário reúne propriedades de ambas as ordens, a saber, imersão, autoria, estilo, precisão, simbologia, digressão e humanização. Explorando cada uma das sete particularidades mencionadas, o teórico sistematiza o conhecimento sobre a editorialização na literatura de não-ficção.

Assim, as referidas características foram praticadas por Euclides instintiva e intuitivamente. A prescrição das propriedades em sistema, contudo, surgiu nos últimos anos.

A imersão na realidade é a primeira postura rumo à editorialização do relato e refere-se basicamente ao posicionamento interativo e pró-ativo que o repórter deve ter diante da temática a ser desenvolvida. Explorar o assunto por meio da experimentação, com a finalidade de obter o mais profundo conhecimento e a mais efetiva compreensão acerca do objeto discutido, é a principal proposta quando se visa a produção de narrativas da vida real.

Um dos princípios ligados à literatura que permeiam a prática de Jornalismo Literário é o emprego da voz autoral. A singularidade e a originalidade, também relacionadas a recorrência e reconhecimento estilísticos, estão diretamente ligadas à capacidade inventiva do produtor. Apesar da obrigatoriedade de objetivar o mais baixo índice de distorção possível, o artista deve trazer os fatos a partir de seleção e filtragem particulares. Assim, o estilo de um autor estabelece-se (e pode ser reconhecido) no

<sup>3</sup> TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, p. 21-22, 1980.

<sup>4</sup> TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, p. 30-32, 1979.

<sup>5</sup> SIMS, Norman. *Literary journalism*. USA: Ballantine Books, p.12-16, 1999.

conjunto da produção por meio da apreensão de duas instâncias: singularidade e recorrência.

Da mesma forma, a necessidade de precisão de dados e de informações é uma característica que está diretamente ligada à prática do jornalismo. O compromisso com a verdade - e não só com a verossimilhança - é o que se espera de uma cobertura séria e independente.

O uso da linguagem simbólica, bem como o emprego de sugestões metafóricas, são também importantes características inerentes à técnica de relatar com literariedade. No presente caso o jornalista conta com a possibilidade de lançar mão de licenças poéticas e de artifícios estilísticos para a composição de sua obra.

A digressão de Sims refere-se à capacidade de produzir vínculos intertextuais e de buscar novas formas de abordagem do tema sobre o qual o autor vai discorrer. Conduzir a narrativa por outros caminhos, desviar de formatos convencionais e excursionar pelas diversas áreas do conhecimento, mais do que gerar uma obra enciclopédica do ponto de vista conteudístico, culmina com a feitura de um trabalho sobremaneira enriquecido do ponto de vista formal.

Por fim, é na humanização da exposição que o autor tem condições de produzir uma obra com particularidades emocionais. Diferentemente dos casos de coberturas cotidianas, o distanciamento relatorial é comumente evitado, ou permeado por elementos que tornam o texto mais compassivo e, portanto, mais sociável. De acordo com Sims, esta é a mais importante característica do gênero, de modo que quaisquer das seis propriedades anteriores podem eventualmente faltar em um determinado texto, mas nunca a humanização do relato.

### **Conceitos e terminologias<sup>6</sup>**

Jornalismo Literário, jornalismo diversional, novo jornalismo, literatura de não-ficção, literatura criativa não-ficcional, literatura da realidade, literatura do real, narrativa de transformação, histórias de vida, co-criação da realidade e narrativas da vida real são algumas das terminologias adotadas ao longo da história para designar a modalidade de prática de reportagem, entrevista e pesquisa jornalísticas que culminam com a produção de estruturas narrativas cujo conteúdo é portador de profundidade e a forma da redação é inspirada na singularidade literária.

Amplamente empregado por jornalistas, escritores, historiadores e cientistas sociais, o gênero baseia-se nas habilidades descritivas do autor e em processos de criação cujos traços básicos são os já mencionados: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos e metáforas, digressão e humanização.

Foi em meados da década de 1960 que o Jornalismo Literário se consolidou, originalmente nos Estados Unidos, como uma modalidade inovadora da prática de reportagem. No Brasil, ecos do movimento geraram seguidores, e a narrativa da vida real foi intensamente praticada, sobretudo na Revista Realidade e no Jornal da Tarde.

Por este se tratar de um estudo acerca da prosa euclidiana, o conceito de livro-reportagem é também digno de registro. Edvaldo Pereira Lima assim define o produto:

Veículo jornalístico impresso não-periódico contendo matéria produzida em formato de reportagem, grande-reportagem ou ensaio. Caracteriza-se pela autoria e pela liberdade de pauta, captação, texto e edição com que os autores podem trabalhar. Entre os tipos de livros-reportagem mais comuns

---

<sup>6</sup> TextoVivo - Narrativas da Vida Real. 2003. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br>>. Acesso em 16 de setembro de 2005.

estão a reportagem biográfica, o livro-reportagem-denúncia e o livro-reportagem-história.<sup>7</sup>

Assim, é igualmente necessária uma nota sobre o que se denominam "narrativas de vida". Para o mesmo autor, este conceito:

é um recurso de representação da realidade centrado em vidas de pessoas individuais ou grupos sociais. Surge como trabalho autobiográfico, de suporte de pesquisa ou de principal veio narrativo. Sob guarda-chuva conceitual amplo, num extremo abrange biografias e noutro, perfis. Em ciências sociais, Histórias de Vida é método de pesquisa.<sup>8</sup>

Dessa forma, as referidas conceitualizações, apesar de datarem do final do século XX, sistematizam eficientemente os princípios que regem a feitura da obra de Euclides.

Em síntese, o fenômeno interdiscursivo que dá origem à literatura de não-ficção mistura os gêneros discursivos jornalístico e literário, priorizando em iguais medidas e equilibradamente a consolidação de componentes formais e conteudísticos.

### **O processo de estetização do pensamento euclidiano**

Os vinte e cinco artigos divulgados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1897, conforme se pode presumir, têm forte vínculo conteudístico com o livro *Os Sertões*, publicado nesse formato, cinco anos mais tarde. E, obviamente, o material noticioso do periódico, bem como notas de reportagem e cadernos de viagem, serviram de sementes conceituais que deram origem à obra conhecida atualmente.

São, contudo, raras as ocorrências de semelhanças formais entre um texto e outro, de modo que o aproveitamento do material bruto se dá quase que exclusivamente na esfera conceitual, uma vez que os pontos de contato entre uma produção e outra são quase sempre reduzidos à condição de uma mera identidade de informações.

Parece, portanto, incontestável o fato de um movimento em direção à obtenção de um novo estilo, um processo de editorialização do próprio texto, e uma busca de elevação do grau de literariedade figurarem entre alguns dos principais objetivos pretendidos pelo escritor, quando da feitura de sua obra.

A parte analítica do presente estudo dá conta de comparar trechos de ambos os materiais a fim de delinear um e outro corpus, na expectativa de encontrar diferenças e semelhanças entre eles.

Para tanto, foram selecionadas passagens de matérias publicadas na imprensa e trechos equivalentes constantes da obra definitiva.

É necessário ressaltar que as matérias originais não são totalmente isentas de componentes criativos ou humanizadores, de maneira que não podem deixar de ser classificadas como exemplos de manifestações de importante genialidade.

Os artigos, publicados entre 18 de agosto e 26 de outubro de 1897, são, em geral, apresentados sem um título especial. O que encabeça a página é, normalmente, a data da produção, o que faz menção a um aspecto relatorial que se assemelha ao de um caderno de viagens.

Títulos propriamente ditos aparecem em quatro dos vinte e cinco artigos, ou seja, quatro artigos têm títulos, enquanto os demais apresentam apenas data. São eles: "A nossa Vendéia", segunda parte, produzido em 17 de julho, "Um episódio da luta", produzido em 18 de julho e publicado em 25 de agosto, "Uma alvorada triste",

---

<sup>7</sup> TextoVivo - Narrativas da Vida Real. 2003. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br>>. Acesso em 16 de setembro de 2005.

<sup>8</sup> TextoVivo - Narrativas da Vida Real. 2003. Disponível em: <<http://www.textovivo.com.br>>. Acesso em 16 de setembro de 2005.

produzido de 07 a 11 de setembro e publicado em 27 do mesmo mês; e "O batalhão de São Paulo", produzido em 25 de outubro e publicado um dia depois.

A verificação da existência dos referidos pormenores permite a pressuposição de que há um evidente compromisso com clareza, objetividade e verdade, características do discurso jornalístico. Dão a mesma feição os intertítulos - destacados graficamente - que fornecem, na abertura, referências espaço-temporais, como por exemplo, "Alagoinhas", na matéria de 31 de agosto, "Queimadas", de 01 de setembro, "Tanquinho", de 04 de setembro, "Cansação", de 05 de setembro, "Monte Santo", de 06 de setembro e de 07 a 11 de setembro, "Canudos", de 10 de setembro, ou ainda, "7 e 1/2 horas da manhã", de 27 de setembro.

São dignas de nota, contudo, as introduções que mesclam as formas de organização descritiva, narrativa e dissertativa, uma vez que sobremaneira recorrentes. Em 18 de agosto de 1897, por exemplo, o jornal *O Estado de S. Paulo* divulgou um material coletado e produzido mais de um mês antes pelo correspondente. A falta da necessidade do imediatismo documental, neste e em outros casos, funda-se no fato de as referidas matérias apresentarem um modo de organização do discurso predominantemente descritivo - por isso, ligeiramente atemporal. A reportagem é aberta da seguinte maneira:

Dizem os mais antigos habitantes da Bahia que nunca ella se revestiu da feição assumida nestes ultimos dias.

Velha cidade tradicional, conservando melhor do que qualquer outra os mais remotos costumes, a sua quietude imperturbavel desapareceu de todo.

Modificaram-se habitos arraigados, e, violentamente sacudida na onda guerreira que irrompe do sul, transfigurou-se. (CUNHA, 1897, p.A12)<sup>9</sup>

As aberturas das matérias euclidianas, em geral, contam com a presença de elementos criativos pungentes. A respeito da questão da criatividade verbal nos parágrafos introdutórios, Sodré e Ferrari (1986) afirmam que: "A reportagem documental permite (e talvez exija) maior originalidade nas aberturas. É possível usar recursos factuais ou de ação, roubados à *fact-story* ou à *action-story*". (SODRÉ, FERRARI, 1986, p.68)<sup>10</sup>

É também de forma original que o parágrafo inicial da matéria escrita em 12 de julho e publicada em 24 de agosto de 1897 se apresenta:

Acabo de assistir na estação da Calçada ao desembarcar de cerca de oitenta feridos que chegam de Canudos e não posso, nestas notas ligeiras, esboçar um quadro indefinivel com o qual se harmonisariam admiravelmente o genio sombrio e o pincel funereo de Rembrandt. (CUNHA, 1897, p.A12)<sup>11</sup>

Neste exemplo, o escritor aponta, logo no início, o ângulo mais relevante do acontecimento. Dando destaque aos aspectos pessoais e sensacionais, constrói metaforicamente um dos trechos mais imagéticos da produção, trazendo concomitantemente a principal sequência narrativa em formato noticioso a partir de uma referência intersemiótica.

A narrativa em primeira pessoa é outro ponto de destaque.

<sup>9</sup> CUNHA, Euclides da. 10 de julho de 1897. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, SP, p.A12-A13, 18 agosto 1897.

<sup>10</sup> SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de reportagem*. Notas sobre a narrativa jornalística. 3 ed. Rio de Janeiro: Summus, 1986, p.68.

<sup>11</sup> CUNHA, Euclides da. 12 de julho de 1897. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, SP, p.A12-A13, 24 agosto 1897.

O trecho a seguir reproduzido, que deu origem ao capítulo enciclopédico da obra, a saber, "A terra", já consorcia ciência e arte. Houve evidente ampliação e notável desenvolvimento extensivo, a posteriori, no livro publicado. Os conceitos principais, entretanto, estão já presentes nesta passagem, retirada da matéria divulgada em 12 de setembro de 1897:

Em muitos pontos, porém, ilhados como oásis, uma povoação ridente ou um engenho movimentado e de plantação opolenta indicam um floramento das rochas cretáceas subjacentes cuja decomposição determina a formação de um solo mais fértil.

Em alguns cortes da estrada pareceu-me distinguir nitidamente a transição entre os dois terrenos: a minha observação, porém, já de si mesma resumida nos breves horizontes de imperfeitíssimos conhecimentos geológicos, fez-se com condições anormais na passagem rápida de um trem. Mudo cautelosamente de assunto.

A flora é variada e muda continuamente de aspecto - esparsa e rarefeita nos tabuleiros em que se alevantam as árvores pequenas das mangabeiras de folhas delicadas e cajueiros de galhos retorcidos, salpicada pelas flores rubras e caprichosas das bromélias - ella ostenta-se, nos terrenos em que despontam as rochas primitivas, exuberante, em grandes cerrados impenetráveis, sobre os quaes oscillam as copas altas dos dendeciros (*Eleasis guindensis*).

Nos pequenos bichados que em alguns pontos margeam os aterros da estrada vi, espalmadas, ajustadas como placas, na superfície lisa das águas nymphéas de grandeza surpreendente.

Uma successão ininterrupta de quadros interessantes e novos destrói a monotonia da viagem. (CUNHA, 1897, p.A12)<sup>12</sup>

Além da poeticidade subjacente ao texto, notam-se ainda fortes vínculos com a exatidão e com a materialidade dos fatos observados. Ao designar o dendeciro pelo nome científico, *Eleasis guindensis*, Euclides elimina qualquer dúvida acerca da questão. Mais uma vez, preocupações jornalística e científica fazem-se presentes.

Ainda sobre o fragmento anterior, devem receber especial referência os elementos literários que emergem do discurso. A expressão latina "águas nínfeas", por exemplo, estabelece uma intertextualidade com a mitologia e dá conta de uma alusão à condição de divindade e perfeição do objeto, ao mesmo tempo que é portadora de carga imagético-imaginária.

E é entremeando arte e ciência, forma e conteúdo, emoção e razão, que o autor aprimora a obra ora estendida:

Têm o mesmo caráter os juazeiros, que raro perdem as folhas de um verde intenso, adrede modeladas às reações vigorosas da luz. Sucedem-se meses e anos ardentes. Empobrece-se inteiramente o solo asperíssimo. Mas, nessas quadras cruéis, em que as soalheiras se agravam, às vezes, com os incêndios espontaneamente acesos pelas ventanias atritando rijamente os galhos secos e estonados - sobre o depauperamento geral da vida, em roda, eles agitam as ramagens virentes, alheios às estações, floridos, sempre, salpintando o deserto com as flores cor de ouro, álares, esbatidas no pardo dos restolhos - à maneira de oásis verdejantes e festivos.

<sup>12</sup> CUNHA, Euclides da. 31 de agosto de 1897. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, SP, p.A12-A13, 12 setembro 1897.

A dureza dos elementos cresce, entretanto, em certas quadras, ao ponto de os desnudar: é que se enterroaram há muito os fundos das cacimbas, e os leitos endurecidos das ipueiras mostram, feito enormes carimbos, em moldes, os rastros velhos das boiadas. E o sertão de todo se impropriu à vida.

Então, sobre a natureza morta, apenas se alteiam os cereus esguios e silentes, aprumando os caules circulares repartidos em colunas poliédricas e uniformes, na simetria impecável de enormes candelabros. E avultando ao descer das tardes breves sobre aqueles ermos, quando os abotoam grandes frutos vermelhos destacando-se, nítidos, à meia luz dos crepúsculos, eles dão a ilusão emocionante de círios enormes, fincados a esmo no solo, espalhados pelas chapadas, e acesos...

Caracterizam a flora caprichosa na plenitude do estio.

Os mandacarus (cereus jacamacaru) atingindo notável altura, raro aparecendo em grupos, assomando isolados acima da vegetação caótica, são novidade atraente, a princípio. Atuam pelo contraste. Aprumam-se tesos, triunfalmente, enquanto por toda a banda a flora se deprime. O olhar perturbado pelo acomodar-se à contemplação penosa dos acervos de ramalhos estorcidos, descansa e retifica-se percorrendo os seus caules direitos e corretos. No fim de algum tempo, porém, são uma obsessão acabrunhadora. Gravam em tudo monotonia inatural, sucedendo-se constantes, uniformes, idênticos todos, todos do mesmo porte, igualmente afastados, distribuídos com uma singular pelo deserto.

Os xiquexiques (cactus peruvianus) são uma variante de proporções inferiores, fracionando-se em ramos fervilhantes de espinhos recurvos, e rasteiros, recamados de flores alvíssimas. Procuram os lugares ásperos e ardentes. São os vegetais clássicos dos areais queimados. Aprazem-se no leito abrasante das lajes graníticas feridas pelos sóis.

Têm como sócios inseparáveis neste habitat, que as próprias orquídeas evitam, os cabeças-de-frade, deselegantes e monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gomos espinhescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, intensamente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, sobre a pedra nua, dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo por que se espalham, *a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica.* (grifo nosso)

E a vasta família, revestindo todos os aspectos, decai, a pouco e pouco, até os quipás reptantes, espinhosos, humílimos, trançados sobre a terra à maneira de espartos de um capacho dilacerador; às ripsálides serpeantes, flexuosas, como víboras verdes pelos ramos, de parceria com os frágeis cactos epífitas, de um glauco empalecido, presos por adligantes aos estípites dos ouricurizeiros, fugindo do solo bárbaro para o remanso da copa da palmeira.

Aqui, ali, outras modalidades: as palmatórias-do-inferno, opúntias de palmas diminutas, diabolicamente eriçadas de espinhos, - com o vivo carmim das cochonilhas que alimentam; orladas de flores rutilantes,

quebrando alacremenente a tristeza das paisagens... (CUNHA, 2000, p.51-52)<sup>13</sup>

Ao descrever a vegetação designada popularmente como "cabeças-de-frade" e "palmatórias-do-inferno", Euclides elabora uma metáfora que, através de um movimento catafórico, antecipa evidentemente os horrores do relato da luta, que segue no último capítulo da obra. Estabelecendo uma analogia entre a visualização da vegetação e as imagens do fim do confronto, o autor metaforiza os fatos presenciados por meio de mais um exemplo de imagetividade.

Mais adiante, Euclides discute a condição humana a partir de perfis:

O jagunço é uma tradução juxta-linear quasi do iluminado da idade média. O mesmo desprendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte, dão-lhe o mesmo heroísmo morbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo.

Uma sobriedade extraordinária garante-lhe a existência no meio das maiores misérias.

Por outro lado, as próprias armas inferiores que usam, na maioria, constituem um recurso extraordinário: não lhes falta nunca a munição para os becarnantes grosseiros ou para as rudes espingardas de pederneira. A natureza que lhes alevantou trincheiras na movimentação irregular do solo - estranhos baluartes para cuja expugnação Vanban não traçou regras - fornece-lhes ainda a carga para as armas: as cavernas numerosas que se abrem nas camadas calcárias dão-lhes o salitre para a composição da pólvora e os leitos dos correios, lastrados de grãos de quartzo duríssimos e rolados, são depósitos inexauríveis de balas.

A marcha do exército nacional, a partir de Geremoabo e Monte Santo até Canudos, já constitui por isto um facto proeminente na nossa história militar.

É uma página vibrante de abnegação e heroísmo. (CUNHA, 1897, p.A12)<sup>14</sup>

Paralelismos conceitual e formal são encontrados entre a passagem supracitada e o trecho correspondente, retirado da obra atual:

O jagunço

O jagunço é menos teatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro.

Raro assume esta feição romanesca e gloriosa. Procura o adversário com o propósito firme de o destruir, seja como for.

Está afeiçoado aos prélis obscuros e longos, sem expansões entusiásticas.

A sua vida é uma conquista arduamente feita, em faina diuturna. Guarda-a como capital precioso. Não desperdiça a mais ligeira contração muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado. Calcula friamente o pugilato. Ao riscar da faca não dá um golpe em falso. Ao apontar a lazarina longa ou o trabuco pesado, dorme na pontaria...

Se ineficaz o arremesso fulminante, o contrário enterreirado não baqueia, o gaúcho, vencido ou pulseado, é frágilimo nas aperturas de uma situação inferior ou indecisa.

<sup>13</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 51-52.

<sup>14</sup> CUNHA, Euclides da. A nossa Vedêa. 17 de julho de 1897. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, SP, p.A12-A13, 17 julho 1897.



O jagunço, não. Recua. Mas no recuar é mais temeroso ainda. É um negacear demoníaco. O adversário tem, daquela hora em diante, visando-o pelo cano da espingarda, um ódio inextinguível, oculto no sombreado dos tocaias... (CUNHA, 2000, p.125)<sup>15</sup>

A descrição tem início com uma figura estilística que é, ao mesmo tempo, uma anáfora (caracterizada pela repetição do termo "é"), e um assíndeto (caracterizado pela utilização do ponto-e-vírgula em lugar da conjunção aditiva na oração). A justaposição decorrente do emprego dessas figuras gera ritmo e poeticidade ao fragmento.

Assim, ampliando a narração descritiva, o escritor torna ainda mais rica a discussão da temática.

Em seguida, ainda no capítulo nomeado "O homem", Euclides discorre a respeito de Antônio Conselheiro, caracterizando-o por meio da expressão "gnóstico bronco" (p.154)<sup>16</sup>. É baseado em depoimentos coletados por meio de entrevistas, em documentos obtidos no local e no convívio que teve com o líder religioso que o escritor traça seu perfil.

Cabe, aqui, um parêntese a respeito dessa questão. Há uma longa discussão a respeito da existência de um contato direto entre o jornalista e o dirigente canudense. Alguns estudiosos afirmam categoricamente que Euclides e Conselheiro não se conheceram pessoalmente, ou que a familiaridade entre ambos foi veridicamente ínfima, quando não, inexistente.

Este estudo não considera este um ponto fulcral, nem se prende à referida polêmica, uma vez que a possibilidade de o autor não ter visto ou visitado o perfilado não desmereceria o rigor que caracteriza a obra nem comprometeria a verossimilhança da mesma, mas sim, ao contrário disso, torná-la-ia ainda mais ficcional e literariamente válida.

Dessa forma, sob o título "Antecedentes de família. Os Maciéis", Euclides traça o perfil genealógico da família do líder religioso a partir do relato de uma testemunha claramente identificada:

A sua biografia compendia e resume a existência da sociedade sertaneja. Esclarece o conceito etiológico da doença que o vitimou. Delineemo-la de passagem.

'Os Maciéis que formavam nos sertões entre Quixeramobim e Tamboril, uma família numerosa de homens válidos, ágeis, inteligentes e bravos, vivendo de vaqueirice e pequena criação, vieram, pela lei fatal dos tempos, a fazer parte dos grandes fastos criminais do Ceará, em uma guerra de família. Seus êmulos foram os Araújo, que formavam uma família rica, filiada a outras das mais antigas do norte da província.

Viviam na mesma região, tendo como sede principal a povoação de Boa Viagem, que demora cerca de dez léguas de Quixeramobim.

Foi uma das lutas mais sangrentas dos sertões do Ceará, a que se travou entre estes dois grupos de homens, desiguais na fortuna e posição social, ambos embravecidos na prática da violência, e numerosos.'

Assim começa o narrador consciencioso, Coronel João Brígido dos Santos, breve notícia sobre a genealogia de Antônio Conselheiro. (CUNHA, 2000, p.157)<sup>17</sup>

<sup>15</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 125.

<sup>16</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 154.

<sup>17</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 157.

O discurso entre aspas dá conta de reproduzir, com exatidão literal, o produto da prática de entrevista e da execução de reportagem, fazendo o leitor pressupor o trabalho jornalístico.

Diferentemente do que ocorre no fragmento supracitado, o trecho que segue não apresenta indicação gráfica de alegação ou depoimento. Intitulado "As prédicas", esta passagem descreve detalhada e nitidamente a pregação de Conselheiro:

Ele ali subia e pregava.

Era assombroso, afirmam testemunhas existentes. Uma oratória bárbara e arrepiadora, feita de enxertos truncados das Horas Marianas, desconexa, abstrusa, agravada, às vezes pela ousadia extrema das citações latinas; transcorrendo em frases sacudidas; misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas...

Era truanesco e era pavoroso.

Imagine-se um bufão arrebatado numa visão do apocalipse...

Parco de gestos, falava largo tempo, olhos em terra, sem encarar a multidão abatida sob a algaravia, que derivava demoradamente, ao arrepio do bom senso, em melopédia fatigante.

Tinha, entretanto, ao que parece, a preocupação do efeito produzido por uma ou outra frase mais incisiva. Enunciava e emudecia; alevantava a cabeça, descerrava de golpe as pálpebras; viam-se lhe então os olhos extremamente negros e vivos, e o olhar - uma cintilação ofuscante...

Ninguém ousava contemplá-lo. A multidão sucumbida abaixava, por sua vez, as vistas, fascinada, com o estranho hipnotismo daquela insanía formidável.

E o grande desventurado realizava, nesta ocasião, o seu único milagre: conseguia não se tornar ridículo... (CUNHA, 2000, p.172)<sup>18</sup>

Da mesma maneira, devido ao elevado teor de factividade dos trechos, é impossível afirmar contundentemente que a descrição abaixo não seja fruto proveniente de uma cobertura *in loco*:

As rezas

Ao cair da tarde, a voz do sino apelidava os fiéis para oração. Cessavam os trabalhos. O povo adensava-se sob a latada coberta de folhagens.

Derramava-se pela praça. Ajoelhava.

Difundia-se nos ares o coro da primeira reza.

A noite sobrevinha, prestes, mal pronunciada pelo crepúsculo sertanejo, fugitivo e breve como o dos desertos.

Fulguravam as fogueiras, que era costume acenderem-se acompanhando o perímetro do largo. E os seus clarões vacilantes emolduravam a cena meio afogada nas sombras.

Consoante a antiga praxe, ou, melhor, capricho de Antônio Conselheiro, a multidão repartia-se, separados os sexos, em dous agrupamentos destacados. E em cada um deles um baralhamento enorme de contrastes... (CUNHA, 2000, p.202)<sup>19</sup>

As três modalidades de organização do discurso, a saber, descrição, narração e dissertação, podem ser encontradas no decorrer da prosa euclidiana. Ainda em relação à

<sup>18</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 172.

<sup>19</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 202.

pregação conselheirana, Euclides discorre dissertativamente acerca da intencionalidade do líder e da alienação política da população canudense, no subcapítulo "Por que não pregar contra a República?":

Pregava contra a República; é certo.

O antagonismo era inevitável. Era um derivativo a exacerbação mística; uma variante forçada ao delírio religioso.

Mas não traduzia o mais pálido intuito político; o jagunço é tão inapto para apreender a forma republicana como a monárquico-constitucional.

Ambas lhe são abstrações inacessíveis. É espontaneamente adversário de ambas. Está na fase evolutiva em que só é conceptível o império de um chefe sacerdotal ou guerreiro. (CUNHA, 2000, p.208)<sup>20</sup>

Ao afirmar "Mas não traduzia o mais pálido intuito político; o jagunço é tão inapto para apreender a forma republicana como a monárquico-constitucional", Euclides julga valorativamente a questão, expondo dissertativamente uma posição particular.

Certo grau de imparcialidade jornalística revela-se quando o escritor dá o mesmo tratamento aos dois lados que se desassociam, ou seja, o sertanejo de Canudos e o soldado do exército. Nota-se preocupação em avaliar ambas as partes mediante narrativas de perfilamento, como mostra o texto a seguir:

Psicologia do soldado brasileiro

Seguiam tranqüilamente a passo ordinário e seguro.

Da extensa linha da brigada evolava-se um murmúrio vago de milhares de sílabas emitidas a meia voz, aqui, ali, repentinamente salteadas de risos joviais. Os nossos soldados estadeavam o seu atributo preeminente naquela alacridade singular com que se aproximavam do inimigo. Homens de todas as cores, amálgamas de diversas raças, parece que no sobrevir dos lances perigosos e no abalo de emoções fortíssimas, lhes preponderam, exclusivas, no ânimo, por uma lei qualquer de psicologia coletiva, os instintos guerreiros, a imprevidência dos selvagens, a inconsciência do perigo, o desapego a vida e o arremesso fatalista para a morte. (CUNHA, 2000, p.312)<sup>21</sup>

Percebem-se, desde a primeira versão do texto euclidiano, reflexos das idéias positivistas comtianas (aplicadas por Benjamin Constant) e de concepções características da Escola Superior de Guerra - instituição que freqüentou e pela qual foi formado -, uma vez que seu discurso demonstra credulidade no conceito de soldado como um cidadão armado cuja carreira é portadora de missões civilizadora, humanitária e moral. Nas palavras do General Cunha Matos, diretor da Escola Militar no ano de 1834, o corpo discente da instituição era formado por indivíduos marginalizados e, por conseguinte, dignos de compadecimento:

(...) só vem os filhos do lavrador, que não têm proteção; estes é que se diz que são vadios! Pois se são vadios, vão para o exército! Se são ladrões, vão para o exército! Se são facinorosos, vão para o exército! O soldado que deve defender a pátria há de ser tirado dessa classe, e aqueles que devem ser alistados não vêm cá porque tem protetores. (apud GALVÃO, 1984, p.21)<sup>22</sup>

<sup>20</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 208.

<sup>21</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 312.

<sup>22</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). *Euclides da Cunha - História - 1866-1909*. São Paulo: Ática, 1984. p.21.

A preocupação com os indivíduos excluídos socialmente é uma constante na prosa euclidiana, o que evidencia aspectos característicos de responsabilidade social.

E ainda preso à necessidade relatório-factual, Euclides mantém a narrativa em formato de agenda também na última edição:

Nos flancos de Canudos

A noite de 18 de julho, contra a expectativa geral, passou em relativa calma. Os sertanejos, por sua vez, claudicavam. No ânimo do chefe expedicionário pairava o temor de um assalto noturno para o qual não havia reação possível. As frágeis linhas de defesa, ainda quando não fossem rotas, por qualquer de seus pontos, podiam ser envolvidas pelos lados e, postas entre dous fogos e contidas na frente pelo arraial impenetrável, seriam facilmente destruídas. A situação, porém, resolvera-se pela inércia dos adversários. (CUNHA, 2000, p.450)<sup>23</sup>

O autor insiste em uma quase manutenção da redação:

Notas de um diário

Um diário minucioso da luta naqueles primeiros dias lhe patenteia o caráter anormalmente bárbaro. Esbocemo-lo em traços largos até ao dia 24 de julho, apenas para definir uma situação que daquela data em diante não se transmudou. (CUNHA, 2000, p.455)<sup>24</sup>

Dando continuidade ao relato impressionador da luta, o jornalista narra de forma humanizada os aspectos que o sensibilizaram:

Pelas estradas. Os feridos.

A remoção dos doentes e feridos para Monte Santo era urgente. Assim, partiram logo as primeiras turmas protegidas por praças de infantaria até ao extremo sul da zona perigosa, Juá.

Começou, então, a derivar lastimavelmente pelos caminhos o refluxo da campanha. Golfava-o o morro da Favela. Diariamente, em sucessivas leva, abalavam dali, em inúmeros bandos, todos os desfalecidos e todos os inúteis, em redes de caroá ou jiraus de paus roliços os enfermos mais graves, outros cavalgando penosamente cavalos imprestáveis e rengues, ou apinhados em carroças ronceiras. A grande maioria, a pé.

Saíram quase sem recursos, combatidos, exaustos de provações, afundando, resignados, na região ermada pela guerra. (CUNHA, 2000, p.459)<sup>25</sup>

Ainda no concernente à desgraça de Monte Santo, Euclides apresenta, sob o título "Primeiras notícias certas", a seguinte narração:

Aguardava-os uma curiosidade ansiosa.

Iam chegar, afinal, as primeiras vítimas da luta que empolgara a atenção do país inteiro. A multidão desbordando da estação da linha férrea, na Calçada, derramando-se pelas ruas próximas até ao forte de Jiquitaia, contemplava diariamente a passagem do heroísmo infeliz. E nunca lhe imaginou aspectos tão dramáticos.

Sacudiam-na frêmitos de emoções nunca sentidas.

Os feridos chegavam em estado miserando. Prolongavam pelas ruas da cidade aquela onda repulsiva de trapos e carcaças que vinha rolando pelas

<sup>23</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 450.

<sup>24</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 455.

<sup>25</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 459.

veredas sertanejas o refluxo repugnante da campanha. (CUNHA, 2000, p.469)<sup>26</sup>

As passagens citadas acima advieram, de alguma forma, da matéria publicada em 12 de julho de 1897:

Ao apontar, vingando a ultima curva da estrada, o lugubre comboio, a multidão, estacionada na gare, emmudece, terminando bruscamente o vosear indistincto, e olhares curiosos convergem para a locomotiva que se aproxima, lentamente, ariando. Esta pára, afinal, e, abertas as portinholas, começam a sair - golpeados, mutilados, baleados - arrastando-se vagorosamente uns, amparados outros e carregados alguns, as grandes victimas obscuras do dever.

O fremito de uma emoção extraordinaria vibra longamente em todos os peitos, quasi todas as fronte empallidecem e é sob um silencio profundo que a multidão se scinde, espontaneamente, abrindo alas á passagem do heroismo infeliz.

Os feridos chegam num estado miserando - relembrando antes turmas extenuadas de retirantes do que restos dismantelados embóra, de um exercito. Difficilmente se distingue uma farda despedaçada e incolor: calças que não descem além dos joelhos, reduzidas a tangas, rotas, esburacadas, rendilhadas pela miseria; camisas em farrapos mal revestindo corpos nos quaes absoluto depauperamento faz com que apontem, vivissimas, todas as apophyses dos ossos.

É como uma procissão dantesca de duendes; contemplo-a atravez de uma vertigem, quasi.

Considero-os, á medida que passam - coxeando, arrastando-se penosamente, tropegos, combalidos, titubeantes, imprestaveis - tragicos candidatos á invalidez e á morte...

Uns trazem ao peito, suspensos em tipoias grosseiras os braços partidos ou desarticulados; arrastam outros penosamente as pernas inchadas enleadas em tiras ensanguentadas; e os pés disformes de quasi todos salpicados de placas circulares denegridas patenteam, trazem ainda profundamente cravados os longos espinhos dilacerantes do sertão. Ladeado e amparado por dois homens robustos, passa um bello typo de caboclo do norte, hombros largos e arcabouço de atleta bronzeado e forte, aonde as agruras phisicas não apagam a energia selvagem do olhar; - e, mais longe, um patricio do sul talvez, figura varonil irrompendo elegante entre os andrajos, alevanta, numa tristeza altiva, a cabeça, - como se fôsse uma aureola o trapo ensanguentado que lhe circunda a fronte baleada. (...)

A multidão contempla-os em silencio; nem um brado de entusiasmo perturba a eloquencia de uma mudez religiosa quasi e immensa. Apenas num ou noutro ponto, um amigo, um irmão, um pae, uma mãe reconhece, divisa inopinadamente um rosto idolatrado e ouve-se um grito indefinivel affogando-se num soluço... Desvio o olhar do quadro sobrehumano e passa emfim o ultimo sacrificado. (CUNHA, 1897, p.A12-A13)<sup>27</sup>

<sup>26</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 469.

<sup>27</sup> CUNHA, Euclides da. 12 de julho de 1897. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, SP, p.A12-A13, 24 agosto 1897.

As três passagens anteriores foram especialmente selecionadas, já que são muitos os pontos de contato entre elas. Há instantes em que expressões são literalmente repetidas. É o caso do oxímoro "heroísmo infeliz", da sentença "os feridos chegam num estado miserando", do predicativo "quase sem recursos" e da metáfora "refluxo da campanha".

Esta última expressão é modalizada na obra estendida. O autor a adjetiva, transformando-a na forma ampliada "refluxo repugnante da campanha".

Do mesmo modo, percebe-se um movimento de modalização nas formas: "O frêmito de uma emoção extraordinária vibra longamente em todos os peitos", da primeira versão, e: "Sacudiam-na frêmitos de emoções nunca sentidas", sentença curta que intercala dois parágrafos longos, e que confere poeticidade e musicalidade, na passagem da versão final. A interposição de parágrafos longos e curtos é bastante recorrente, sobretudo na última edição da prosa euclidiana.

O último trecho citado também apresenta ligação formal e conteudística com o texto produzido em formato de livro, cinco anos mais tarde:

Quadro lancinante

Certa vez, essa insensibilidade lastimável calou profundamente. Foi numa visita a um dos hospitais.

O quadro do amplo salão era impressionador... Imaginem-se dous extensos renques de leitos alvadios, e sobre eles - em todas as atitudes, rígidos debaixo dos lençóis escorridos como mortalhas; de bruços, ou acaroados com os travesseiros, em mudos paroxismos de dores; sentados, ou acurvados, ou estorcendo-se em gemidos - quatrocentos baleados! *Cabeças envoltas em tiras sanguinolentas, braços partidos, em tipóias; pernas encanadas, em talas rigidamente estendidas; pés disformes pela inchação, atravessados de espinhos; peitos broqueados a bala ou sarjados a faca; todos os traumatismos e todas as misérias...* (grifo nosso) (CUNHA, 2000, p.486)<sup>28</sup>

Merece atenção a oração final, caracterizada pela progressão, figura empregada para sugerir movimentos seqüenciais contínuos e séries de ações que se sucedem rapidamente, acumulando-se.

Em síntese, o discurso euclidiano apresenta, desde o primeiro momento, aspectos que denotam imersão (quando explicitadas as evidências de um trabalho de coleta de dados e de investigação *in loco*), autoria (quando a voz do enunciador se faz ouvir acerca dos fatos), estilo (quando do emprego de figuras de linguagem que conferem sonoridade e imagetividade à prosa), precisão (quando da preocupação com datas e localidades), simbologia (quando do emprego de metáforas e analogias), digressão (quando a história é tratada sob perspectivas dicotômicas, entre as quais, a do soldado e a do jagunço, a do republicano e a do monarquista), e humanização (quando o autor deixa vir à tona expressões de compadecimento e penalização). E essas características foram aprimoradas, *a posteriori*, na versão estendida.

---

<sup>28</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Record, 2000. p. 486.